



## ETNOGRAFIA DE CASA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PESQUISAS REALIZADAS POR INDÍGENAS

*Jaqueline Fernandes*  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
[mariluciaduarte37@gmail.com](mailto:mariluciaduarte37@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0003-7824-5657>

*Thiago Donda Rodrigues*  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
[thiago.rodrigues@ufms.br](mailto:thiago.rodrigues@ufms.br)  
orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3125-7779>

### Resumo:

O presente trabalho se propõe a discutir os motivos da escolha da metodologia "etnografia de casa", proposta pelo pesquisador João Rivelino Rezende Barreto, para a realização da pesquisa de doutorado do primeiro autor, que está em fase inicial. Dessa forma, nosso objetivo é apresentar, no campo da pesquisa em Educação Matemática, o modo indígena de realizar pesquisas e mostrar os resultados já obtidos. A metodologia escolhida oferece uma maneira de realizar a pesquisa com os indígenas, sendo eu mesmo um pesquisador indígena. Pretendo levar essas experiências para minha pesquisa de doutorado em Educação Matemática. Percebemos que registrar conhecimentos indígenas por nós, indígenas, exige muitas responsabilidades, pois envolve conhecimentos, memórias e histórias. Existem regras que afirmam que alguns conhecimentos não podem ser registrados, pois são segredos de cada povo. No entanto, isso vem mudando aos poucos, pois muitos dos anciões estão partindo, e afirmam que é necessário aprender o mais rápido possível. Isso só é possível com grandes desafios e coragem.

**Palavras-chave:** Diálogo; Anciões; Educação Matemática; Educação Indígena.

### 1. Introdução

O presente trabalho busca contribuir para a pesquisa em Educação Matemática no Brasil. Pesquisadores indígenas, por meio de suas pesquisas, vêm mostrando seus modos de



conduzir os estudos, pois entendemos que os métodos impostos pela academia não atendem às necessidades dos indígenas. Os indígenas não estão apenas indo para o campo da pesquisa; eles fazem parte dessas comunidades, bem como não estão apenas buscando informações; eles fazem parte do conhecimento.

Desde a colonização, os conhecimentos indígenas não são considerados como ciência e nem valorizados. Por esses motivos, os pesquisadores indígenas vêm lutando para que esses conhecimentos sejam validados e reconhecidos. Trazer isso para o campo da Educação Matemática representa um avanço para os indígenas. As escolas indígenas vêm questionando muito a matemática ensinada na escola, pois acreditam que esses conhecimentos continuam colonizando as crianças. Esses conhecimentos estão distantes de contribuir com o dia a dia dos Tekoha (aldeia). As lideranças e professores indígenas de matemática vêm batalhando aos poucos, levando para a universidade conhecimentos matemáticos próprios dos indígenas.

Os pesquisadores indígenas, especialmente na área de Educação Matemática, não estão criticando os métodos já existentes, mas mostrando que os indígenas têm métodos próprios de pesquisa, que são totalmente diferentes dos que são impostos. Eles entendem que é necessário adquirir ambos os saberes para estar no mundo e que esses saberes precisam coexistir, sem que um seja considerado superior ao outro. Realizar pesquisas utilizando a metodologia da etnografia de casa implica respeitar o lugar, a tradição e a cultura. Esses são os principais princípios para o sucesso de uma pesquisa indígena.

Neste contexto, nosso objetivo é apresentar, no campo da pesquisa em Educação Matemática, o modo indígena de realizar pesquisas e mostrar os resultados já obtidos. Para alcançar os resultados esperados, buscaremos explicar a escolha da "etnografia de casa" como metodologia de pesquisa, argumentando a favor desse tipo de pesquisa com base nos resultados da dissertação de mestrado do primeiro autor desse estudo (AUTOR1, 2023).

O trabalho de campo durante o mestrado foi realizado em uma Tekoha (aldeia) chamada Arroio Korá, localizada no município de Paranhos-MS, com a maioria da população pertencente à etnia Kaiowá. A pesquisa de doutorado será realizada com a comunidade do Tekoha (aldeia) Jaguapiré, localizada no município de Tacuru-MS, também com uma população majoritariamente Guarani Kaiowá.

## **2. Etnografia de casa na perspectiva da Educação Matemática**

Produzir uma pesquisa do tipo "etnografia de casa", como proposto por Barreto (2022), é dialogar com os anciãos, crianças, adolescentes, pais, lideranças e moradores da aldeia. Nesse mesmo sentido, como apontado por Smith (2018), ao tratar das possibilidades de construção de

metodologias próprias desenvolvidas pelos pesquisadores indígenas, destaca-se como o pesquisador indígena vem nomeando as pesquisas centradas em seu próprio povo. Conforme a autora, essa maneira de nomear "implica trazer ao centro e privilegiar os valores indígenas, suas atitudes e práticas, em vez de distinguir com rótulos ocidentalizados, como a 'pesquisa colaborativa'" (*Ibid.*, p. 145).

Nesta perspectiva, as entrevistas são realizadas como conversas informais, sem perguntas em sequência, mas como um diálogo natural, enquanto se toma tereré e se fala sobre a mudança do tempo, pescaria, época das roças e o tempo da guavira. As informações vão surgindo naturalmente durante essas conversas, o que pode ser relacionado ao tipo de "entrevista não estruturada" (Gil, 2002).

Durante a pesquisa para a dissertação de mestrado, foi encontrado muitas dificuldades para obter informações dos anciãos, pois muitos deles não aceitavam ser filmados ou gravados. Além disso, muitas vezes o autor voltava para casa com a sensação de ter perdido tempo, porque muitas das perguntas que fazia eram consideradas pelos entrevistados como algo que eu já deveria saber, o que eles interpretavam como um desrespeito, e, assim, não conseguia prosseguir com a entrevista.

O pesquisador indígena Barreto (2022), traz elementos para refletirmos sobre o que podemos falar, sobre as escolhas que faremos na escrita que refletem o caminho de pesquisa percorrido, o autor traz que;

[...] algumas vantagens, que estão em coisas que parecem simples, como é o caso da solicitação ou do encaminhamento de carta de aceite e de autorização para entrada e permanência no local da pesquisa de campo, pois não precisei me preocupar com isso, embora tivesse esse conhecimento, uma vez que estabeleci como estratégia de pesquisa a metodologia da etnografia em casa. Isso porque o que eu pesquisava não estava em um campo de pesquisa, não estava longe de mim, estava sob domínio e conhecimento de uma pessoa, estava com o kumu Luciano Barreto (Barreto, 2022, p. 27).

A fala do autor nos faz refletir que a pesquisa não é um esforço solitário. Compreendemos que as informações desejadas devem ser obtidas por meio de diálogo, com muita paciência e de maneira natural, como no cotidiano do Tekoha (aldeia).

Também compreendemos que devemos chegar à casa do entrevistado sem caderno, máquinas de gravar ou filmar, como se estivéssemos fazendo uma visita comum. Esse é um grande desafio, pois as perguntas devem ser inseridas no meio de uma conversa, sem seguir uma sequência predefinida. No trabalho de mestrado o autor demonstrou grande satisfação desde o primeiro dia ao utilizar a 'etnografia de casa', pois encontrou uma referência metodológica adequada para sua pesquisa. Da mesma forma, o autor percebeu a confiança dos

entrevistados, que sempre sorriam e pediam para voltar (Eju Jey Kena). De acordo com Barreto (2022, p. 60):

[...] querer ouvir o que ele tinha a me dizer de faculdades excepcionais tukano era um motivo de alegria, não só porque me via como um filho interessado na sua sabedoria, mas também porque estava em jogo a questão de substituição e de transição de sabedoria tukano.

O dia dos nossos anciões começa bem cedo, e é nesse momento que as informações são compartilhadas por meio de diálogos. Participar desse momento é muito valorizado pelos anciões, pois percebem que os jovens de hoje não têm mais interesse nesse conhecimento.

Assim para AUTOR1 (2023), durante o chimarrão (Ka'a'y), muitas atividades são planejadas. Anteriormente, foi desafiador para o autor, pois muitas das informações ele já conhecia. Quando fazia perguntas, os entrevistados interpretavam que o autor não havia sido uma boa criança kaiowá até então. No entanto, ao utilizar o método "etnografia de casa", AUTOR1 (2023) conquistou a confiança necessária para que os entrevistados compartilhassem as informações que buscava.

Fazer os anciões relembrar o tempo passado é doloroso para eles, pois relembram das lutas, da perda dos pais, dos familiares e parentes, por esse motivo não gostam de contar os conhecimentos adquiridos. O conhecimento indígena é repassado de gerações para gerações e também praticado. Também entendemos que não basta dizer que é indígena e que entendemos tudo sobre nossa cultura indígena, que não podíamos autoafirmar que tínhamos conhecimentos sobre a cultura, de acordo com Barreto (2022, p. 59):

Isso me levou à compreensão de que não bastava dizer que eu era Tukano para me autoafirmar como detentor de sabedoria tukano; assim, o fato de uma pessoa ser Tukano não significa que essa pessoa seja detentora de conhecimentos tukano, na medida em que os próprios Tukano, em certo momento, são cegos para seus conhecimentos, suas teorias, seus conceitos, suas linguagens, sua tukanalidade.

Isso nos leva a pensar que precisamos ir além, buscar entender e fazer experiência acadêmica via “método singular” (“Merleau-Ponty, 1989, p. 146-148 apud Rocha, 2009, p. 53-54”, isto é, “aprender a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros, e como se fosse nosso o que é estrangeiro”, e olhar minha cultura com outros olhares para compreender melhor. De acordo com Barreto (2022, p. 60):

Nesses termos, “aprender a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros, e como se fosse nosso o que é estrangeiro” parece ser o primeiro passo para uma boa etnografia em casa. Isso porque, para nós, indígenas, a melhor proposta de pesquisa é a possibilidade de trabalharem conjunto com nossos pais, nossos avôs, com nossos arkawerera (“parentes”), em nossos contextos, comunidades, aldeias.

Ainda de acordo com autor:

Nesse sentido, “o que é nosso” é também estranho na medida em que não conhecemos “o que é nosso”, de modo que é preciso aprender a ver, aprender a entender, aprender a praticar. É preciso olhar para “o que é nosso” com olhar de pesquisa, com olhar de análise, com olhar de teorização. Mas, para isso – no caso, envolvendo a minha pesquisa –, tinha que haver uma escolha, uma atitude necessária, visto que no contexto tukano escolher algo é ao mesmo tempo não poder ser escolhido por algo (Barreto, 2022, p. 60).

Olhar o que é nosso como estrangeiro não é uma tarefa simples, mas é necessário, fazer parte dos conhecimentos não significa ter um domínio, através dessa análise, através destes olhares mais profundos sobre conhecimentos daquilo que se faz parte, se leva a não ser questionado por outros anciões, os conhecimentos tradicionais indígenas segundo os anciões precisam ser tratados com muito cuidados, por essa razão não é qualquer um que pode contar e repassar (Barreto, 2022; AUTOR1, 2023).

Para tanto, levar esses conhecimentos para a academia é um grande desafio, o motivo são vários, uma delas é, a tradução desses conhecimentos para outra língua, quando se traduz deixa de ser conhecimentos tradicionais, mas é necessário para esses conhecimentos ficarem registrados.

### **3. Metodologia**

Os procedimentos metodológicos usados para a escrita desse estudo foi uma revisão bibliográfica como explicada por Gil (2002, p. 44) como a que é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A partir de referências relacionadas a metodologia de pesquisa “etnografia de casa”, idealizada por indígena Tukano João Rivelino Rezende Barreto, principalmente em sua pesquisa intitulada “UKUSE, formas de conhecimentos nas artes do diálogo tukano” (Barreto, 2022).

Também será utilizado os resultados da pesquisa de mestrado do primeiro autor, intitulada: “Etnomatemática Tradicionais do Povo Kaiowá Tekoha Arroio Korá, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade. Este trabalho foi desenvolvido utilizando o método etnografia de casa, assim, antes de ir à casa do entrevistado, planejamos as conversas, como a pergunta que faria parte da pesquisa, foi escolhido dois indígenas da etnia Kaiowá, essas duas pessoas não faziam parte do parentesco, mas conhecia os avós do primeiro autor. Pois faziam parte do grupo de luta pelas demarcações de suas terras tradicionais.

Na primeira tentativa de realizar o trabalho, foi um fracasso, pois fazíamos perguntas uma atrás da outra, filmamos e anotamos no caderno. Os entrevistados estranharam essa

abordagem. Um dos exemplos de estranhamento foi quando perguntamos como construir uma casa sem utilizar instrumentos dos não indígenas. Isso causou estranheza porque o entrevistado conhecia meus avós, que nos ensinavam desde pequenos, e sabia que os pais ensinam seus filhos a construir seus lares desde a infância. Mesmo explicando o motivo das perguntas, não conseguimos obter as informações desejadas.

Utilizando o método de etnografia de casa, o primeiro passo foi ganhar a confiança, e o segundo passo, pedir autorização para tirar fotos. Planejamos o método como pesquisador indígena, fazendo visitas aos entrevistados sem nenhum objetivo específico inicialmente. Tinha receio de não ser bem recebido, mas tudo deu certo. No primeiro diálogo, conversamos sobre o tempo, como era na adolescência deles. Estava bem frio naquele dia, e lembramos de algo que meu avô contava, então perguntei se era realmente assim. Com isso, as conversas fluíram naturalmente.

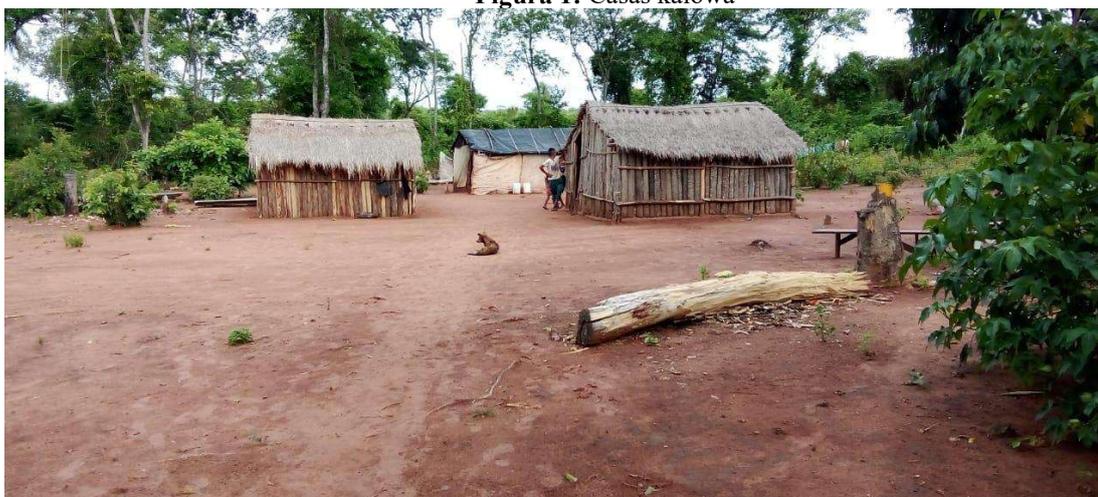
#### **4. Resultados e discussão**

Em um primeiro momento, durante as entrevistas, conversamos na mesma língua, e durante a conversa, um dos entrevistados se emocionou e nos disse que, hoje em dia, a luta é mais na base do papel. Despedimo-nos dele, e ele já nos convidou para voltar sempre. Ficamos muito felizes com a confiança conquistada. Ao chegar em casa, anotamos tudo.

No segundo momento, durante a visita, o filho mais velho do entrevistado estava presente e começava a construir uma casa, exatamente o tema que queríamos abordar. Oferecemos nossa ajuda, e eles ficaram muito felizes. Aproveitamos para puxar conversa sobre como era feito antes, sem os instrumentos dos não indígenas, e o entrevistado nos contou tudo passo a passo. Às vezes, ele também falava sobre encontros com animais no mato enquanto buscava materiais. Ríamos, fazíamos piadas e conversávamos sobre outros assuntos.

Apresentamos a imagem da casa tradicional do povo indígena Kaiowá, na Figura 1. Está ilustra a fala do entrevistado sobre a construção e o uso dos números até três. Segundo os entrevistados, os indígenas Kaiowá contavam apenas até três e construía suas casas, no máximo, com três compartimentos.

**Figura 1:** Casas kaiowá



**Fonte:** AUTOR1(2023)

Para obter informações, era necessário fazer parte do dia a dia e ganhar confiança. Pode parecer estranho, mas esse método foi o melhor para obter informações e relatar conhecimentos da maneira mais correta possível. Mesmo sendo indígenas, era necessário ganhar a confiança dos mais velhos. Após o término da nossa pesquisa, continuamos fazendo visitas, porque nos acolheram como parte da família. Questionamos se podíamos tirar fotografias, e sempre com um sorriso no rosto, eles nos diziam para ficar à vontade.

Trago no Quadro 1, alguns dados adquiridos durante a pesquisa de dissertação de mestrado, são números e sistemas de contagem. Percebe-se que são diferentes um do outro a partir de três, mesmo sendo da mesma etnia. Isso despertou em mim de levar a frente a pesquisa.

**Quadro 1:** Comparativo sistema de contagem

Número Ocidental	Entrevista Ovídio	Entrevista Natalício
01 - um	Petein	Petein
02 - dois	Mokoin	Mokoin
03 - três	Mbo hapy	Mbo hapy
04 - quatro	Guanha	Irundi
05 - cinco	Xinxá	Petein pó
06 - seis	Nha ndu xa	Petein kuã
07 - sete	Karanxa	Mokoin kuã
08 - oito		Mbo hapy kuã
09 - nove		Irundy kuã
10 - dez		Mokoin pó

**Fonte:** AUTOR1 (2023)

Esses dados fazem parte dos registros do conhecimento matemático ainda utilizado no dia a dia da comunidade onde foi realizada a pesquisa. Para este trabalho, escolhemos abordar os números e o sistema de contagem do povo indígena Kaiowá, pois, apesar de pertencerem à mesma etnia, havia diferenças em suas contagens, sendo iguais apenas até o número três.

Isso significa que o povo indígena Kaiowá não necessitava de muito ("heta") para sobreviver. Assim, produziam e construíam suas casas utilizando no máximo três algarismos e caçavam e pescavam apenas para seu próprio consumo. Percebemos que a contagem até três era bem rápida, mas a partir do próximo algarismo já havia dificuldade para contar. Segundo o entrevistado, não precisavam de mais do que três, pois isso já não fazia parte do seu dia a dia.

A imagem na Figura 2 foi tirada no dia em que o filho do entrevistado esteve presente. Nesse dia, percebemos que ganhamos confiança após oferecermos ajuda na construção. Depois do trabalho, nos ofereceram tereré, e a partir desse gesto, percebemos que a confiança já estava conquistada.

**Figura 2:** Momento de entrevista com seu Natalício e Izabelino



**Fonte:** AUTOR1 (2023)

Antes da pesquisa, acreditávamos conhecer e dominar nossa cultura, mas estávamos distantes dessa realidade. Muitas tradições nem sequer havíamos ouvido falar. Isso ocorre porque, atualmente, muitas culturas do próprio povo Kaiowá têm sido deixadas de lado.

O motivo disso remonta ao período em que os indígenas foram expulsos de suas terras tradicionais e levados para outras comunidades. Esses indígenas, ao serem deslocados, necessitavam se adaptar a novas culturas, abandonando suas práticas e adotando outras. Para serem aceitos nessas novas comunidades, era necessária adaptação. Antes da expulsão, havia indígenas que viviam tanto no mato quanto no campo, sendo povos com modos de vida

diferentes. Muitos dos indígenas que viviam no mato perderam seus costumes, tradições e culturas.

Através de muitos estudos e da escolha acertada da formação, pudemos nos avaliar como indígena Kaiowá e descobrir que o que praticamos não fazia parte da minha verdadeira tradição. Acreditamos que estávamos vivendo conforme os costumes Kaiowá, mas, na verdade, estava incorporando uma mistura de tradições de várias culturas. Isso nos levou a refletir sobre a importância de estudar e registrar nosso próprio modo de ser (Teko Kaiowá). Embora não possamos voltar a ser exatamente como éramos antes da chegada dos brancos, teremos uma ideia mais clara de nossas origens e tradições.

## **5. Considerações finais**

A partir da pesquisa de mestrado, concluímos que realizar estudos com nosso próprio povo não é tão simples como imaginávamos. Não se trata apenas de trazer conhecimentos externos para dentro, mas sim de utilizar uma metodologia que permita ganhar a confiança dos entrevistados para obter as informações desejadas. Isso não significa que criticamos outras abordagens, mas sim que essa experiência não só nos ajudou a realizar o trabalho, como também foi o ponto de partida para pensar em desenvolver uma metodologia de pesquisa Kaiowá.

Nós temos nossa própria maneira de conduzir a pesquisa, e a etnografia de casa demonstra que somos capazes de desenvolver nosso próprio método. Para que isso aconteça, é necessário que nós, indígenas, levemos nossos conhecimentos para dentro das universidades. Essas considerações guiarão o trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado.

Segundo D'Ambrosio (2005), cada povo desenvolve sua própria matemática conforme suas necessidades. Nós, indígenas Kaiowá, também criamos nossa forma de utilizar a matemática no cotidiano. Essas práticas matemáticas são próprias dos indígenas e podem não ser consideradas importantes para os não indígenas, mas é fundamental reconhecer que os indígenas também têm suas próprias formas de matematizar.

Para tanto, os resultados obtidos foram fruto de muitos estudos e pesquisas. Escrever sobre o próprio povo não é uma tarefa simples; envolve escolher os entrevistados e conquistar sua confiança, duas etapas que, apesar de parecerem simples, são desafiadoras. A seleção dos entrevistados é complicada, pois nem todos dominam os conhecimentos necessários e é importante evitar questionamentos por parte dos anciãos, devido à hierarquia na transmissão da tradição. Mas qual a relação disso com a matemática? Há várias, uma delas é que nossa matemática está presente no cotidiano, sendo utilizada pelos indígenas na sua vida diária. Existem etapas para ensinar essas culturas.

Percebemos que registrar conhecimentos indígenas por nós mesmos exige muitas responsabilidades, pois envolve conhecimentos, memórias e histórias. Existem regras, muitos alegam que alguns conhecimentos não podem ser registrados, pois são segredos de cada povo. No entanto, isso vem mudando aos poucos, já que muitos dos anciões estão permitindo aos poucos e argumentam que é necessário aprender o mais rápido possível. Fazer o registro é possível apenas com grandes desafios e coragem.

Entendemos que é necessário o registro, pois novas culturas estão entrando nas aldeias, o que leva à marginalização das tradições. Um exemplo disso é abandonar práticas agrícolas indígenas em favor de máquinas e substituir remédios tradicionais por medicamentos de farmácia. Não é possível abordar a matemática para os indígenas sem considerar sua cultura.

### **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço ao Jara (DEUS), e segundo as pessoas que contribuíram com a minha pesquisa, são os anciões que são os conhecedores da Teko Kaiowá (jeito de ser indígena Kaiowá).

Meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento responsável pelo financiamento das nossas pesquisas, permitindo-nos total dedicação no desenvolvimento dos nossos estudos.

### **Referências**

BARRETO, J. R. R. **Ukûsse [recurso eletrônico]: formas de conhecimento nas artes do diálogo tukano**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2022. E-book (PDF). Disponível em: [https://doi.org/10.5007/978-65-5805-061-2ISBN\\_978-65-5805-061-2](https://doi.org/10.5007/978-65-5805-061-2ISBN_978-65-5805-061-2). Acesso em: 15 julh. 2024.

D'AMBROSIO, U. **Elo entre as tradições e a modernidade**. - 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

AUTOR1 (2023)

SMITH, L. T. **Decolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba. Ed. UFRP, 2018.